



PARTIDARISMO COMO ORDENAÇÃO SOCIAL: A CONTRIBUIÇÃO DE LILLIANA MASON

Gregório Unbehaun Leal da Silva¹

Resumo

A polarização e o partidarismo acentuado têm advindo cada vez mais da ordenação social (social sorting), do que das atitudes em relação às issues. Os estereótipos que acompanham essas definições são exemplos de tal dimensão. O presente trabalho traz um levantamento para comparação entre perspectivas que apontam existir polarização no público em democracias mais consolidadas. Incorporando descobertas recentes de Mason (2016, 2018a, 2018b) e Lee (2020), esse artigo aponta que a ordenação social, mais do que a adesão ideológica, é a principal responsável pelo grave contexto de polarização afetiva em que as democracias ocidentais mais consolidadas estão inseridas. Conclui-se que os resultados dos trabalhos acima mencionados apontam que a dimensão afetiva, baseada na identidade, é um elemento a se considerar como agenda de pesquisa para o estudo de tão estimulante fenômeno. O artigo também aponta algumas contribuições que observam a existência da polarização afetiva e do partidarismo negativo no Brasil.

Palavras-chave

partidarismo negativo;
polarização afetiva;
social sorting;
Partidarismo.

PARTNERSHIP AS A SOCIAL ORDERING: LILLIANA MASON'S CONTRIBUTION

Abstract

Polarization and accentuated partisanship have come more and more from social sorting, rather than from attitudes towards issues. The stereotypes that accompany these definitions are examples of such a dimension. The present work brings a survey for comparison between perspectives that indicate that there is polarization in the public in more consolidated democracies. Incorporating recent findings by Mason (2016, 2018a, 2018b) and Lee (2020), this article points out that social order, more than ideological adherence, is primarily responsible for the serious context of affective polarization in which the most consolidated Western democracies are inserted. It is concluded that the results of the aforementioned works indicate that the affective dimension, based on identity, is an element to be considered as a research agenda for the study of such a stimulating phenomenon. The article also points out some contributions that observe the existence of affective polarization and negative partisanship in Brazil.

Keywords

*negative partisanship;
affective polarization;
social sorting;
partisanship.*

¹ Doutrando em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: gregoriosilva1986@gmail.com.

Uma reunião em 1950 e setenta anos depois...

O ano é 1950, o local: American Political Science Association (APSA). Os renomados associados reunidos em um comitê elaboram um famoso relatório, que deveria incorporar as preocupações referentes ao futuro da democracia. A baixa adesão partidária era temida nesse diagnóstico. Os membros desse comitê prescreviam partidos com agendas claramente discerníveis, imaginavam que o público assim “[...] teria facilidade em fazer boas escolhas políticas, sem coloração por dogmatismo” (SHAPIRO e BLOCH-ELKON, 2008). Mal podiam imaginar o que viria a seguir. Hoje, 70 anos depois, o partidarismo é muito forte, mas não foi na direção desejada em 1950.

Em recente livro, Russel Dalton (2018) indica que é crescente a adesão partidária nas democracias mais consolidadas. Associado a esse fenômeno, ocorreu o que Dalton nomeia de realinhamento. Esse, por sua vez, é associado em muitos casos à polarização. Todo esse contexto tem caminhado de mãos dadas com o crescimento de fenômenos como partidarismo negativo e polarização afetiva. É sobre esse cenário, para alguns um tanto sombrio (Mounk, 2019; Levitsky & Ziblatt, 2018; Runciman, 2018), que este artigo se insere. Inicialmente, o foco se dará sobre a realidade dos Estados Unidos e em países de democracia mais consolidada. Já ao fim desse extenso levantamento dos efeitos nocivos desses fenômenos, aborda-se como essa realidade pode ser analisada em sistemas partidários frágeis ou em sistemas multipartidários.

O partidarismo, que em 1950, julgava-se não incorrer nesse risco tem contribuído para o fenômeno. Mas, como se pretende mostrar ao longo dessa reflexão, os partidos têm mais impacto como ordenação de identidades sociais, do que como adesão a determinados conjunto de ideias, comumente associadas às legendas políticas. Para explicar como se chega a essa conclusão, o ponto de partida são os inovadores achados da cientista política Lilliana Mason (2016, 2018a, 2018b) e a recente contribuição de Lee (2020), que corrobora as hipóteses de Mason. Também há menção aos recentes trabalhos de Fuks e Marques (2020) e de Guedes-Neto (2020), para apontar a pertinência de tal abordagem na realidade brasileira.

Para proceder conforme descrito acima, o artigo está dividido em 5 seções. Após essa introdução breve, apresenta-se um levantamento, dividido em duas partes, de uma extensa literatura, em que a expectativa é esclarecer a natureza do problema. Na terceira parte, estão os achados de Mason, analisados à luz do que foi discutido na seção anterior. Já na parte final, a análise é extrapolada para a realidade brasileira.

O foco principal desse trabalho não é o partidarismo, mas o peso nocivo do mesmo em contextos de polarização. Portanto, esse ensaio tem uma perspectiva normativa, quais sejam a manutenção ou fortalecimento de elementos democráticos.

Partidarismo negativo e polarização em crescimento

Passados vinte anos da confecção do relatório acima mencionado, o problema ainda não estava “resolvido” e a prescrição da APSA parecia adequada para o contexto das democracias então estabelecidas à época. Esse cenário, entretanto, começou a mudar.

“Essa tensão tem sido o ponto de partida para interpretações dos processos empíricos de desalinhamento partidário desde a década de 1970, quando os valores dominantes das sociedades não foram capazes de encontrar estruturas partidárias que os acolhessem, e o subsequente realinhamento ocorrido a partir da década de 1980 em particular, e que intensificou-se nas décadas seguintes, quando os partidos e os sistemas partidários se transformaram para incorporar novos grupos, novos temas, novas formas de persuasão e novas práticas de governo. O surgimento dos ‘Verdes’ foi um dos primeiros passos neste processo, enquanto os partidos populistas de direita são os mais recentes” (BORBA e SILVA, 2020a, p. 5, tradução minha).

Os processos de desalinhamento e o mais recente realinhamento acima descritos podem ser encontrados em diferentes fases da produção do renomado cientista político Russel Dalton.

O fator geracional é apontado como principal elemento de uma reação cultural (*cultural backlash*) para Norris e Inglehart (2019). Nesse levantamento, são os mais velhos, por reação às mudanças sociais, que levaram à eleição de políticos populistas de extrema direita. Nesse quadro analítico, os autores apontam que o início do processo de reação cultural começa através das mudanças sociais e estruturais, que se deram no pós-guerra nas sociedades ocidentais mais desenvolvidas. O processo continua ocorrendo, em diferentes ritmos ao redor do mundo. Essa é consequência da riqueza crescente, da expansão da escolaridade, das mudanças dos papéis de gênero, da crescente diversidade étnica e da urbanização.

Concomitante a essas mudanças, ocorreu a “revolução silenciosa”. Esta fez com que, aos poucos, mas de forma constante, uma profunda mudança de valores viesse à tona, especialmente nas sociedades ocidentais desenvolvidas. À medida que as novas gerações cresceram, os valores passaram a ser mais pós-materialistas e a visão política mais liberal. Isso ocasionaria, em algum ponto e em dado contexto, um *tipping point*. A inflexão é fruto da reação dos que não se sentem contemplados pela “revolução silenciosa”. Em suma, a teoria afirma que a ascensão do populismo autoritário é a consequência principal de uma reação conservadora contra a “revolução silenciosa” de atitudes socialmente liberais. Ou seja, onde Dalton vê realinhamento, Inglehart e Norris apontam *cultural backlash*.

Abramowitz (2018) faz extenso estudo sobre as causas que levaram à polarização nos Estados Unidos. O diagnóstico é de que o ressentimento racial seria a principal variável associada a fenômenos como partidarismo negativo e a eleição de Donald Trump.

A polarização, quando está crescendo, segundo Sommer & McCoy (2018): “reforça ressentimentos e contribui para o crescente partidarismo negativo em

massa e polarização afetiva” (p.9, tradução minha). Essa forte lealdade de grupo tem sua contrapartida no conflito entre grupos. Segundo os mesmos autores, isso pode levar ao aumento da intolerância e à distância social.

lyengar *et al.* (2019) apresentam uma boa definição do conceito de polarização: “Os americanos comuns cada vez mais não gostam e desconfiam dos da outra parte. Democratas e republicanos dizem que os membros da outra parte são hipócritas, egoístas e de mente fechada, e não estão dispostos a socializar além das fronteiras do partido” (p.129, tradução minha).

Esse fenômeno de animosidade entre grupos é central no argumento de Abramowitz (2018). Enquanto o debate tradicional sobre polarização esteve fortemente assentado na divisão de grupos a partir de opiniões distintas sobre *issues*, o autor chama atenção para um novo tipo de divisão no público de massa. Este de base afetiva, cujas origens, porém, são buscadas em fatos objetivos da sociedade norte-americana, principalmente, na *questão racial*.

A chave causal do alinhamento eleitoral está no processo de identificação partidária negativa. Segundo o autor, esta seria a atitude política mais relevante em termos de capacidade explicativa do comportamento do eleitor americano recente. O fenômeno se dá quando grupos se alinham amplamente contra um partido. Isso, em vez de se identificarem positivamente com outro. Ou seja, o “não gostar” do outro partido tende a ser mais forte que o “gostar” de algum. Esse partidarismo negativo, um dos mais importantes desenvolvimentos na opinião pública americana desde o pós-guerra, torna muito difícil que um republicano ou um democrata avalie bem um candidato do outro partido, mesmo que o candidato de seu partido de preferência lhe desagrade bastante².

Há, segundo Abramowitz, uma variedade de explicações para o crescimento desse partidarismo negativo nos Estados Unidos, incluindo as campanhas mais caras, a crescente influência dos meios de comunicação partidários e ideológicos e a maior divisão cultural em temas como direito aos gays e ao aborto. Para o autor, entretanto, o fator que mais contribui com o crescimento da identificação partidária negativa tem sido a divisão racial entre partidários dos dois partidos.

A desinformação que surge do partidarismo

Análises como as apresentadas acima apontam aspectos culturalistas interessantes para compreender o fenômeno aqui estudado: o impacto negativo do partidarismo em contextos de polarização. Pode-se se dizer que os afetos exercem um papel importante nesse cenário. Esses fatores centrais farão parte da próxima seção. Antes, abaixo está uma possível origem dessas discussões, que pode ser atribuída à Escola de Michigan, em *American Voter* (Campbell et al., 1960), clássico estudo sintetizado abaixo:

² Fato marcante no pleito de 2016, em que tanto Hillary Clinton, quanto Donald Trump obtiveram os piores resultados entre apoiadores de seus próprios partidos, em série histórica cujos dados vêm desde 1968 (Abramowitz & Webster, 2018, p. 121).

Em resumo, a explicação para o comportamento de voto oferecida pelo Modelo de Michigan pode ser resumido em três pontos principais: (1) as pessoas se identificam com os partidos políticos assim como se identificam com sua identidade religiosa, de classe, racial e de grupo étnico; (2) identificação com partidos políticos deve ser visto como um componente de longo prazo do sistema político que persiste mesmo quando as pessoas votam contra sua identificação; e, finalmente, (3) o partidarismo é poderoso não apenas por seu efeito direto na escolha do voto, mas também por sua influência indireta nas atitudes associadas com o voto. (HUTCHINGS e JEFFERSON, 2017, p. 24, tradução minha).

O partidarismo é um termo em disputa desde a seminal obra *American Voter*, discutida acima por Hutchings e Jefferson. A origem da identificação partidária é central para entender aspectos como desalinhamento, realinhamento, *cultural backlash* e partidarismo negativo.

Podemos comparar dois trabalhos que discutem se as preferências partidárias são endógenas ou exógenas. Holmberg (2007), por exemplo, é mais favorável às teses “endógenas” e menos afeito às teses da origem não política da identificação partidária assumida pelo clássico trabalho seminal da escola de Michigan, apontado acima.

Já em Healy e Malhorta (2013), em um estudo do voto retrospectivo, o partidarismo é apontado como viés cognitivo para a decisão do voto. Desse modo, os autores incorporam elementos exógenos e, assim, uma definição de partidarismo mais próxima da do modelo da Escola de Michigan. Ressalva-se, entretanto, que os mesmos apontam que “De forma mais geral, o viés partidário parece mais forte quando o desempenho econômico é mediano” (p.293, tradução minha).

Hutchings e Jefferson (2017) examinam bem a influência da escola de Michigan (tanto de seus defensores, como de seus detratores). Um dos apontamentos mais relevantes desse texto é a variação de partidarismo ao longo dos contextos sociais em que se insere. O estudo cita o texto de Holmberg (2007) como exemplo.

Holmberg (2007) apresenta comparação entre os casos Estados Unidos e da Suécia. No país escandinavo, os partidários fortes estariam em declínio, ao passo que, no norte-americano, em elevação. Esse aumento do partidarismo, em um contexto de elevada e crescente polarização como o dos Estados Unidos (Abramowitz, 2018) pode ser associado ao que foi percebido também por Walscak *et al.* (2012) e Dalton (2018).

As dimensões que explicam o partidarismo vêm sendo discutidas desde a seminal obra *American Voter*, como acima mencionado. Porém, o que algumas das referências apontadas acima (Abramowitz, 2018; Sommer & McCoy, 2018; Iyengar et al., 2019) mostram é que a junção de polarização com partidarismo tem levado ao aumento do partidarismo negativo, bem como a riscos indesejáveis para a democracia. Os trabalhos de Shapiro & Bloch-Elkon (2008) e Nyhan e Reifler (2010) apresentam um fator complicador dessa problemática, a *misinformation*.

O foco destes dois trabalhos é um estudo sistemático do eleitor mal informado advindo de percepção dos fatos políticos de forma errônea. Qual seria a causa principal geradora desse fenômeno? Nos dois trabalhos, os “culpados” parecem ser apontados como a polarização partidária e ideológica.

O trabalho de Shapiro & Bloch-Elkon (2008) é um levantamento acerca do estado da arte das pesquisas sobre conhecimento político. É válido frisar a parte em que se demonstra a preocupação com os efeitos sobre os politicamente informados.

Os autores problematizam a tradicional visão - como a do comitê da APSA em 1950 - de que a adesão partidária necessariamente melhoraria o conhecimento do eleitor. Há então o apontamento de que partidarismo também pode gerar vieses indesejáveis. Segundo esse levantamento bibliográfico do trabalho: “Tais vieses podem ocorrer quando (a) a informação que as pessoas recebem, ou percebem, é falsa; ou (b) quando falham os atalhos cognitivos que os indivíduos usam para processar informações verdadeiras” (Shapiro & Bloch-Elkon, 2008, p. 124, tradução minha).

Sob condições de polarização, as pessoas tenderiam a recair nesse potencial equívoco. Essa má percepção é preocupação normativa latente para os autores, como se vê abaixo:

“Juntos, esses estudiosos levantam sérias preocupações sobre os efeitos do preconceito cognitivo e afetivo nas percepções da realidade de partidários e ideólogos. Assim, a polarização partidária que ocorreu desde meados da década de 1970 pode ter aumentado a probabilidade de que a percepção equivocada da realidade seja frequente o suficiente para justificar atenção teórica e empírica” (Ibidem, p.127, tradução minha).

No tocante às preocupações acima apontadas, a pesquisa de Nyhan e Reifler (2010) também é destacável. O estudo apresenta resultados de experimento realizado com estudantes universitários da Califórnia. Nesse, mensura-se o peso do posicionamento ideológico e partidário frente a notícias falsas e a correções das mesmas. É válido destacar aqui três aspectos desse trabalho. O primeiro seria a definição com a qual os autores trabalham da variável *misinformation*; um segundo aspecto o apontamento das hipóteses; e o terceiro e último, os achados do experimento.

“Assim, definimos percepções errôneas como casos em que as crenças das pessoas sobre questões factuais não são apoiadas por evidências claras e opinião de especialistas - uma definição que inclui crenças falsas e não comprovadas sobre o mundo político” (Nyhan e Reifler, 2010, p. 305). Esse conceito é operacionalizado de forma escalar em questionários de conhecimento político aplicados aos entrevistados. Após as mensagens falsas, é apresentado um texto corrigindo tal informação e, só então, é perguntado ao entrevistado que responda sobre o dado. Usos de armas de destruição em massa, uma questão referente a impostos e pesquisa de células-tronco são as temáticas abordadas. Elas foram escolhidas pela saliência dada às mesmas quando realizado o *survey*. Este ocorreu em duas ondas, em 2005 e 2006.

As hipóteses são três. A primeira (hipótese 1) trata da interação da ideologia. Espera-se que a ideologia do respondente modere os efeitos de correção e de má percepção. A segunda (hipótese 2a) tem como hipótese que as correções tendem a falhar em reduzir a má percepção em pessoas de grupos ideológicos propensas a manter-se no “erro”. A terceira hipótese é mais surpreendente. Essa é nomeada no trabalho de *Correction Backfire* (hipótese 2b). Ela aponta expectativa de que, quando a correção é lida, aumente a má percepção em grupos ideológicos propensos ao erro dentro de suas preferências.

As hipóteses se mostraram corretas na maior parte dos testes. É válido apontar que o *Backfire Effect* é mais forte entre os republicanos do que entre democratas. A tentação é relacionar isso com as *Fake News*, teorias conspiratórias e a eleição de líderes populistas de extrema direita. Essa afirmação, no entanto, com base na pesquisa, não é possível, uma vez que se trata de um experimento. Mas é de se esperar certa generalização nos dados, já que esse efeito é robusto entre o público universitário do experimento dotado de sofisticação política acima da média. O trabalho de Lewandowsky *et. al.* (2012) é outro que apresenta o *backfire effects* como fenômeno de grande preocupação normativa.

Dado esse extenso levantamento bibliográfico, é nítido que há um problema. Apresenta-se, a seguir, outro diagnóstico: o de Lilliana Mason. O trabalho da autora é inovador ao apontar a identidade social enquanto elemento explicativo para o realinhamento e partidarismo negativo. O trabalho de Lee (2020) complementa o de Mason e aprofunda os achados do experimento de Nyhan e Reifer (2010).

A ordenação social como polarização afetiva: os estudos de Lilliana Mason

Mason (2018b) argumenta que os estudiosos perderam uma dimensão importante da classificação (*sorting*) partidária. Trabalhos anteriores, neste tópico, exploram a classificação com base em questões (*issue*) - o alinhamento de questões e partido. Mason aponta que isso é apenas parte da história e falta a ordenação social (ou *social sorting*), ou seja, o processo pelo qual as identidades se alinham com o partidarismo. A perspectiva da autora dialoga com os questionamentos acerca da Escola de Michigan apontados acima.

É possível traduzir, em poucas linhas, a mensagem principal das descobertas de Mason ao citar o impacto do indivíduo de identidade transversal (ou *cross-cutting identities*) nessas análises. Esse seria importante para a democracia, pois teria identidades sociais que divergem daqueles que são os estereótipos típicos associados a grupos políticos. Por exemplo, no caso americano, seria o negro republicano ou o morador da zona rural democrata. O problema diagnosticado por Mason é de que esses indivíduos estão em franco declínio.

O que se sucede é que as fileiras de apoiadores dos lados da polarização estão cada vez mais socialmente homogêneas. Com a redução contínua desses contatos transversais, há menos chances de contatos intergrupais para conhecer e conviver com o do outro grupo e, assim, estabelecer bases de uma relação amigável. A figura deste cidadão de identidade transversal foi, segundo Mason, essencial para a consolidação do regime democrático nos Estados Unidos. As análises

estatísticas apresentadas por Mason são demonstrações fortes de que esse fator imprime maior carga explicativa que a opinião sobre *issues* e adesão partidária.

Tabela 1 - Peso da Ordenação Social em Lilliana Mason. Sentido da média de raiva/entusiasmo partidário medido pela ordenação social.

Variável	Grau de Classificação Social	Média (0 a 1)
Raiva - Sentir-se ameaçado pelo partido adversário	Identidade Transversal (Low Sorting)	0.58
Raiva - Sentir-se ameaçado pelo partido adversário	Identidade Esperada para grupo partidário (High Sorting)	0.72
Entusiasmo para com o partido preferido	Identidade Transversal (Low Sorting)	0.53
Entusiasmo para com o partido preferido	Identidade Esperada para grupo partidário (High Sorting)	0.68

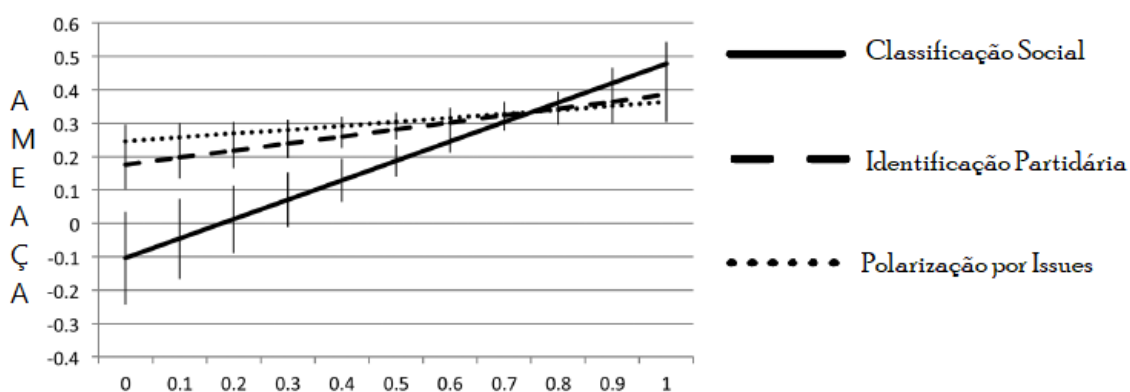
Extraído de Mason (2016, p. 15, figura 5)

Os dados que Mason obtém são robustos e com amostras grandes, o que possibilita testar inúmeros cenários. O aspecto afetivo é presentemente forte nesse contexto, por isso, sentimentos de ódio ao partido adversário e orgulho do partido preferido têm andado lado a lado. A **tabela 1** apresenta um constructo feito a partir de dois gráficos presentes em Mason (2016), que propiciam uma apreciação mais visual dessas descobertas.

A tabela 1 traz um apontamento inicial, ao comparar indivíduos com baixo indicador de classificação social comumente associada ao partido frente a indivíduos com identidades sociais fortemente entrelaçadas ao partido em questão. Os números mostram que indivíduos do segundo tipo são mais propensos a afetos como raiva e entusiasmo.

A tabela 1, entretanto, não aponta comparação do peso da identidade social frente a outras variáveis. Essa lacuna é preenchida pela **figura 1**. O foco, nessa imagem, é a comparação de sentimento de ameaça do partido oposto ao que prefere.

Figura 1 - Sentimento de Ameaça Partidária segundo o grau de classificação social, de identificação partidária e posicionamento em *issues*.



Extraído de Mason (2016, p. 16, figura 6)

A figura 2 tem a seguinte composição: o eixo vertical refere-se ao grau de ameaça que o entrevistado sente pelo partido que não gosta. O eixo horizontal consta com uma mensuração normalizada de 0 a 1, que é composta de três medidas. A primeira é a da linha contínua, refere-se a uma escala que vai da pessoa com identidades sociais menos próximas (aquelas mais comuns ao partido preferido) do respondente, até aquele que contém os atributos sociais mais esperados dentro do partido. A linha tracejada contém o quão o respondente se associa com um partido, pode ir do nada identificado ao muito identificado. A linha pontilhada é composta pelo posicionamento dos respondentes às questões que os colocam na aproximação ou distanciamento das posições típicas dos partidos opostos. Quanto maior esse indicador, maior é distância do respondente frente ao partido oposto.

O que se verifica é que o aumento da identificação partidária ou da proximidade de opiniões faz subir pouco o sentimento de ameaça ao partido oposto. O mais notável é o sentido em que cresce a linha contínua. Ou seja, quanto mais socialmente ordenado, maior o sentimento de ameaça.

Ainda sobre esses dados, é importante ressaltar que aqueles que dispõem de identidades transversais - os menores valores na linha contínua - não se sentem ameaçados. E voltamos então ao diagnóstico apontado acima, que é o fato de que esses estão deixando de existir. É como se uma força estivesse puxando as pessoas para os lados da polarização esperadas pela sua classificação social. Cor, região do país, viver em local urbano ou rural, gênero e idade são, em diferentes níveis, marcadores sociais que ampliam os sentimentos de ódio partidário mútuo, entre os dois lados da polarização política norte-americana.

O que se pode deduzir disso tudo? É que são menos a opinião sobre as questões e a filiação a partidos e mais o estatuto social do indivíduo que faz crescer a polarização e os efeitos nocivos a ela atrelados. Os indivíduos não pensam tão diferente como se supõe, mas se distanciam porque partem do suposto que aquele interlocutor é do outro partido e, portanto, não se deve “perder tempo” com ele. Para piorar a situação, aqueles que fogem desse estereótipo - os transversais - e poderiam fazer as pessoas reverem esses preconceitos estão rareando.

A ordenação social é um poderoso agente de manipulação emocional. Os mais ordenados não são diferentes emocionalmente dos partidários mais fortes lendo mensagens sobre partidos ou ideólogos baseados em questões lendo mensagens sobre questões. No entanto, os menos ordenados são certamente muito menos reativos emocionalmente. O alcance da variável de ordenação gera uma ampla gama de respostas emocionais. Quanto mais ordenados nos tornamos, mais emocionalmente reagimos aos eventos políticos normais. A raiva exposta na política moderna é fortemente alimentada por nosso crescente isolamento social. À medida que os americanos continuam a se classificar em equipes partidárias socialmente homogêneas, devemos esperar ver a diminuição da população com identidades transversais. Isso deve levar a reações emocionais mais violentas, não importa o quanto possamos realmente concordar com políticas específicas. (Mason, 2016, p. 18, tradução minha)

Esse apontamento de Mason traz um ganho analítico frente às explicações da seção anterior. Em livro publicado em 2018, a autora aprofunda ainda mais esses achados. Com dados ainda mais consistentes e afirmações mais categóricas, a autora aponta que:

A eleição de Trump é o culminar de um processo pelo qual o eleitorado americano tornou-se profundamente dividido socialmente em linhas partidárias. À medida que os partidos ficaram distantes racial, religiosa e socialmente uns dos outros, um novo tipo de discórdia social foi crescendo. A crescente divisão política permitiu que as normas políticas, públicas, eleitorais e nacionais fossem quebradas, com pouca ou nenhuma consequência. As normas de respeito racial, religioso e cultural se deterioraram. As batalhas partidárias ajudaram a organizar a desconfiança dos americanos pelo "outro" de maneiras politicamente poderosas (Mason, 2018a, p.3, tradução minha).

O trecho da citação acima dialoga com o aumento do partidarismo apontado em Dalton (2018), entretanto, a novidade aqui é o afunilamento que leva à homogeneização social dos lados da polarização. Enquanto o foco de trabalhos como os de Inglehart e Norris (2019) e o de Abramowitz (2018) se situam com base em posicionamentos acerca de mudanças sociais como revolução silenciosa ou ressentimento racial, esses achados de Mason mostram que o problema tem outra dimensão, ainda não apontada.

Abramowitz (2018) afirma que uma mudança de política racial no Partido Democrata³ é a raiz de toda a polarização partidária de hoje. Em certo sentido, isso pode ser verdade. Sem a mudança na política de direitos civis, provavelmente, nada que veio depois teria acontecido da mesma maneira. Mas, se uma mudança de política iniciou o caminho para uma nação mais classificada socialmente, os efeitos dessa mudança afastaram a política americana do debate de ideias e a levou em direção a uma divisão partidária cada vez mais social. Logo, nos bancos de dados de 2013, Mason (2018a) notou que a identidade do partido é fortemente prevista pela identidade racial e não pelas posições políticas raciais.

Em outro trabalho da autora (Mason, 2018b), com uso de outra técnica, o foco se dá sobre dados de 2016. As conclusões, nesse caso, também apontam no mesmo sentido que as duas contribuições da autora destacadas acima.

“Este artigo conclui que a identidade baseada em elementos da ideologia é capaz de conduzir a níveis elevados de polarização afetiva contrária a posições ideológicas de grupos externos, mesmo em níveis baixos de atitude política extrema ou restrição. Essas descobertas demonstram como os americanos podem usar termos ideológicos para desacreditar os oponentes políticos sem, necessariamente, manter conjuntos restritos de atitudes políticas” (MASON, 2018b, p.1, tradução minha).

³ “Nesse sentido, para Abramowitz, o fato histórico mais marcante foi o apoio do democrata Lyndon Johnson em 1964 à causa dos direitos civis dos afro-americanos. O impacto dessa medida fica claro, como veremos adiante, nos dados sobre atitudes e posições do eleitorado, assim como na complexa análise longitudinal dos resultados ao longo dos períodos subsequentes” (Borba e Silva, 2020b, p. 365).

Os achados de Lee (2020), ao propor um experimento, atentam para um aspecto que parece confirmar que a identidade associada ao partido parece ter maior peso do que adesão às posições nas *issues*. Nyhan e Reifler (2010), com dados de meados da década passada, apontaram a corroboração da *Backfire Effect* em públicos universitários. Lee (2020), por sua vez, aponta que os estereótipos sobre o que se imagina serem democratas ou republicanos parecem ter um impacto decisivo.

Nessa pesquisa, Lee focaliza em outros aspectos de socialização que se relacionam com as descobertas de Mason. Antes de apontá-los, é válido trazer a forma como Lee tratou os estereótipos, afim de que se possa compreender a pertinência dos achados dessa pesquisa.

Tabela 2 - Os estereótipos de Lee (2020)

Atributo	Estereótipo Democrata	Estereótipo Republicano
Profissão	Professor	Bancário
Carro	<i>Toyota Prius Hybrid</i>	<i>Ford pickup truck</i>
Comida	<i>Burrito Vegetariano de Chipotle</i>	<i>Chick-fil-A</i> ⁴
Café	<i>Starbucks</i>	<i>Dunkin Donuts</i>

Elaborado a partir de Lee (2020, p.5).

O que a jovem pesquisadora Amber Hye-Yon Lee faz, nesse trabalho, é utilizar, segundo extenso levantamento prévio de opinião pública, três características associadas comumente aos dois partidos polarizados. Os estereótipos utilizados, com base nessa prévia, envolvem o tipo de carro, comida e emprego que a pessoa tem. A partir disso, a autora construiu suas hipóteses. Inicialmente, anuncia a expectativa de que determinadas características estejam associadas a determinado partido, como se vê na **tabela 2**.

A autora cria um personagem chamado Gary, de meia idade. Só que, para verificar o impacto dos estereótipos, ela cria Garys republicanos e Garys democratas. Os participantes dos questionários respondem perguntas que os situam dentro do espectro republicano ou democrata. A seguir, a pesquisadora faz com que alguns participantes avaliem os diferentes Garys. Isso possibilita combinações interessantes, como democratas/republicanos avaliando um Gary democrata/republicano⁵ e propicia, assim, a utilização de técnicas estatísticas que permitem vislumbrar o peso desses estereótipos. Os itens da avaliação encontram-se na **tabela 3**.

⁴ Uma das maiores redes de *fast food* americanas e a maior em sua especialidade, os sanduíches de frango.

⁵ Também há em Lee (2020) Garys com 0 (o neutro), 1 ou 2 dos atributos testados. Os resultados de testes com esses também apontam na mesma direção, vista na tabela 3.

Tabela 3 - Efeitos dos estereótipos da tabela 2, na preferência por convivência e conversa

Característica	% de efeito de convivência com Gary estereotipado do outro partido v.s Gary com estereótipos do partido preferido
Gostaria de ter Gary como colega de trabalho.	- 15,6%
Gostaria de ter Gary como vizinho.	- 15,3%
Gostaria de ter Gary como amigo.	- 15,2 %
Gostaria de ter Gary como familiar.	- 14,3 %
A vontade para conversar com Gary sobre assuntos não políticos.	- 10,4%
A vontade de conversar com Gary sobre assuntos políticos	- 22,27%

Elaborado a partir de Lee (2020, p. 7)

A autora então roda modelos de regressão com variáveis usuais de controle e os resultados são claros em apontar que, somente com base em estereótipos, as pessoas tendem a se afastar daqueles que supõem gostar do outro partido. Esses resultados corroboram os apontamentos de Mason (2016, 2018a, 2018b). A tabela 3 apresenta os resultados das regressões⁶ das variáveis de avaliação de Gary, resumidos dos efeitos de pistas estereotipadas do partido na interação social e comunicação, com base na relação entre o outro partido v.s. o partido apoiado.

Os dados apresentados na tabela 3 têm sinal negativo, o que indicam que todos preferem conviver com o Gary estereotipado do próprio partido. Além disso é possível argumentar que somente os três estereótipos são suficientes fortes para afastar as pessoas da conversa por assuntos não-políticos. Esse resultado pode ser um sintoma da preocupação com a queda demográfica daqueles com identidades transversais, apontada nos trabalhos de Mason. A soma desses fatores eleva o problema a uma dimensão ainda mais preocupante.

E no Brasil? Considerações finais

Quanto as mudanças recentes no jogo eleitoral representam um realinhamento em outras partes do mundo? Como esse processo se daria em diferentes sistemas políticos? Apesar de Donald Trump ser um fenômeno obviamente exclusivo da política americana, ele pertence à família dos populismos, do subtipo *right populism*, como tem sido amplamente documentado pela pesquisa comparativa (Mudde e Kaltwasser, 2012; Norris & Inglehart, 2019). Nesse sentido, a sua construção analítica e o foco num único caso o impedem de problematizar, por exemplo, em que medida, além do *racial resentment*, não haveria por trás do fenômeno Trump uma reação cultural conservadora a uma ampla mudança de valores na sociedade americana, para além da questão racial, como defende Abramowitz (2018).

⁶ A técnica adotada por Lee (2020) foi o Método dos Mínimos Quadrados. Todas as variáveis da tabela 3 tiveram significância estatística $p < .001$.

Vale citar que Hutchings & Jefferson (2017) valorizam a análise realizada por Holmberg (2007) acerca do partidarismo em países recém adotantes da democracia. “No caso de democracias emergentes na Europa Oriental, Holmberg relata que os identificadores partidários também são raros e - mais preocupantes para o modelo padrão de Michigan - tais ligações que estão se desenvolvendo parecem principalmente baseadas em fatores cognitivos, em vez de afetivos” (HUTCHINGS & JEFFERSON, 2017, p;. 27, tradução minha). Esses apontamentos nos levam à questão de que a instigante agenda de pesquisa proposta por Lilliana Mason possa ser verificada em mais contextos.

E no Brasil? As últimas linhas desse texto apontam dados que levam à conclusão de que os achados de Mason e Lee são também relevantes no país latino-americano. Dada a fragilidade do sistema partidário brasileiro (cf. Carreirão e Rennó, 2019), é válido citar a contribuição de Fuks *et al.* (2020). Os autores apontam que o antipetismo foi um fenômeno relevante para o voto em Jair Bolsonaro, em 2018. Esse fato é majorado, se acompanhado dos indicadores de intolerância partidária. A novidade do trabalho refere-se, entretanto, de que a rejeição a vários partidos (e não somente contra o partido rival do segundo turno do pleito) também repercutiu no voto para o candidato de extrema direita. Esse “antipartidarismo generalizado” é ainda maior, quando acompanhado de intolerância política. Esse último fenômeno pode motivar a constituição de uma instigante agenda de pesquisa sobre efeitos nocivos de partidarismo negativo, em um contexto partidário frágil como o brasileiro.

Nos Estados Unidos, é praticamente consensual que as elites partidárias estão cada vez mais polarizadas. Os membros dos partidos republicano e democrata estão cada vez mais internamente homogêneos e cada vez mais distantes entre si, na ideologia (Fuks e Marques, 2020). Em relação ao público, as conclusões têm sido bem menos consensuais. Nesse trabalho, vimos os que afirmam que há em curso uma crescente polarização ideológica (Dalton, 2018; Abramowitz, 2018; Abramowitz e Webster, 2018) e aqueles que afirmam que, fundamentalmente, trata-se apenas de uma polarização afetiva (Mason, 2018b; Lee, 2020; Nyhan e Reifler, 2010).

O trabalho de Fuks e Marques (2020) chega a conclusões que se assemelham à de Mason (2018b). Em estudo com banco de dados de opinião pública com amostra da população brasileira, os autores tentam observar duas questões prementes⁷ do debate público e concluem “que a identidade ideológica e as opiniões em relação aos temas são apenas fracamente correlacionadas entre si” (FUKS E MARQUES, 2020 p. 11).

Os resultados dessa mesma pesquisa também apontam que os brasileiros estão mais polarizados afetivamente, sendo que há um aumento significativo “[...] da dispersão em 2018, com os sentimentos dos eleitores mais distantes em relação aos dois competidores nas eleições” (Ibidem, p.7). Os autores afirmam que os brasileiros até podem estar mais polarizados ideologicamente em 2018 do que em

⁷ As questões foram essas: “Aprova políticas firmes contra a desigualdade? ”; “O quanto o (a) sr./sra. aprova ou desaprova que casais homossexuais tenham o direito de se casar?” (FUKS E MARQUES, 2020, p.10).

2014, mas que essa polarização é bem menos abrangente do que se supõe normalmente e que, além disso, trata-se de uma polarização assimétrica, porque se deu somente quando comparados apoiadores dos candidatos tucanos frente aos apoiadores de Jair Bolsonaro. O trecho abaixo sintetiza os achados do trabalho:

“Nesse artigo, investigamos a polarização afetiva e ideológica num contexto de multipartidarismo fragmentado, fracamente estruturado e com baixa identificação partidária. Isso favorece uma morfologia e dinâmica da polarização baseada em lideranças e em coalisões provisórias, tal como visto em 2018. Portanto, não se trata de um fenômeno de natureza estrutural, tendo como referência a oposição sistemática entre os mesmos partidos e atores, mas uma polarização fluida e episódica. Nossos resultados indicam a presença de polarização afetiva, principalmente em relação as lideranças políticas, uma moderada e assimétrica polarização na identificação ideológica e a inexistência de polarização na posição em relação a *issues*. Em síntese, não vivemos num contexto de polarização ideológica generalizada e alimentada igualmente pela radicalização da esquerda e da direita” (Ibidem p. 11).

O trabalho corrobora tendências encontradas por Lilliana Mason, em um contexto bem diferente no que se refere ao sistema partidário e à identificação com o os partidos existentes. Tudo isso pode ser um indicativo de efeitos nocivos, que tanto preocupam as democracias hoje. A polarização afetiva, segundo os autores, pode afetar a própria legitimidade futura da competição partidária como um todo.

Os achados de Guedes-Neto (2020) são ainda mais próximos aos de Mason. O autor aponta que a *social sorting* é mais factível para prever o alinhamento ao partido de Bolsonaro do que ao dos demais partidos brasileiros. Seus robustos achados demonstram que protestantes, brancos e homens são identidades associadas com essa atitude política.

O mundo mudou muito, desde a fatídica reunião do comitê da APSA em 1950. Hoje, os problemas são outros e a apresentação de diagnósticos é válida, dados os problemas discutidos ao longo de todo texto.

Esse trabalho não visa esgotar toda a discussão referente às causas da crise democrática em tempos de polarização, muito menos nos diferentes impactos gerados em múltiplos contextos institucionais. O objetivo desse trabalho é o de emitir um alerta de que o problema pode estar na ordenação social. Uma leitura mais atenta aos insights de Lee (2020) e Mason (2016, 2018a, 2018b) podem nos dar melhores pistas para lidar com esses nocivos efeitos de um contexto de polarização e partidarismo negativo.

Referências bibliográficas

- ABRAMOWITZ, Alan I. **The great alignment: race, party transformation, and the rise of Donald Trump**. New Haven, CT: Yale University Press, 2018. 153 p.
- ABRAMOWITZ, A. I., WEBSTER, S.W. Negative partisanship: why Americans dislike parties but behave like rabid partisans. **Advances in Political Psychology** 39(Suppl. 1): 119-135, 2018.
- BORBA, Julian; SILVA, Gregório Unbehaun Leal da. “E pur si muove!”: Russell Dalton and political realignment. **Bras. Political Sci. Rev.**, v. 14, n. 2, e0002, Jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202000020002>
- BORBA, Julian; SILVA, Gregório Unbehaun Leal da. As bases afetivas do comportamento político: ressentimento racial, partidarismo negativo e polarização na política americana. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 32, p. 363-372, Aug. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-335220203210>>. Acesso em 25 Nov. 2020. Epub Aug 21, 2020.
- CAMPBELL, A., CONVERSE, P. E., MILLER, W. and Stokes, D. **The American Voter**, New York: Wiley. 1960.
- CARREIRÃO, Yan; RENNÓ, Lúcio. Presidential voting: Partisanship, Economy, Ideology: Communication. **Routledge Handbook of Brazilian Politics**, Routledge, New York, p. 216-235, 2019. Disponível em: <https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9781315543871-13>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- DALTON, Russell J. **Political realignment: economics, culture, and electoral change**. Oxford: Oxford University Press, 2018
- FUKS, Mario; RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. From Antipetismo to Generalized Antipartisanship: The Impact of Rejection of Political Parties on the 2018 Vote for Bolsonaro. **Bras. Political Sci. Rev.**, São Paulo, v. 15, n. 1, e0005, 2021. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-38212021000100202&lng=en&nrm=iso>. acesso em 15 Dec. 2020. Epub Dec 02, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202100010003>.
- FUKS, Mário; MARQUES, Pedro. Afeto ou ideologia: medindo polarização política no Brasil?. In: **12º ENCONTRO DA ABCP, 2020**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB). Área Temática: Comportamento Político e Opinião Pública [...]. [S. l.: s. n.], 2020
- GUEDES-NETO, J. V. Voto e identificação partidária em 2018: ordenação social na política brasileira. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 26, nº 3, set.-dez., p. 431-451, 2020.
- HEALY, A.; MALHOTRA, N. Retrospective Voting Reconsidered. **Annual Review of Political Science**, [s. l.], n. 1, ed. 16, p. 285-306, 2013. Disponível em:

<https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-polisci-032211-212920>. Acesso em: 25 nov. 2020.

HOLMBERG, S. Partisanship Reconsidered. **The Oxford Handbook of Political Behavior**, New York: Oxford University Press, p. 557-570, 2007.

HUTCHINGS, V. L.; JEFFERSON, H. J. The sociological and social-psychological approaches. In Justin Fisher, Edward Fieldhouse, Mark N. Franklin, Rachel Gibson, Marta Cantijoch and Christopher Wlezien (eds). **The Routledge Handbook Of Elections, Voting Behavior And Public Opinion**. London: Routledge, p. 21-29, 2017

LEE, Amber Hye-Yon. How the Politicization of Everyday Activities Affects the Public Sphere:: The Effects of Partisan Stereotypes on Cross-Cutting Interactions, Political Communication. **Political Communication**, [s. l.], 2020. DOI 10.1080/10584609.2020.1799124. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/10584609.2020.1799124?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEWANDOWSKY, Stephan; ECKER, Ullrich, K. H.; SEIFERT, Colleen M.; SCHWARZ, Norbert; COOK, John. "Misinformation and Its Correction: Continued Influence and Successful Debiasing." **Psychological Science in the Public Interest** 13, no. 3 (December 2012): p. 106-31, 2012. <https://doi.org/10.1177/1529100612451018>.

MASON, Lilliana. A Cross-Cutting Calm: How Social Sorting Drives Affective Polarization. **Public Opinion Quarterly**, New York: Oxford University Press, v. 80, ISSUE S1, p. 351-377, 2016. DOI <https://doi.org/10.1093/poq/nfw001>. Disponível em: <https://academic.oup.com/poq/article/80/S1/351/2223236>. Acesso em: 2 dez. 2020.

MASON, Lilliana. Ideologues without Issues:: The Polarizing Consequences of Ideological Identities. **Public Opinion Quarterly**, New York: Oxford University Press, v. 82, n. ISSUE S1, p. 866-887, 2018. DOI <https://doi.org/10.1093/poq/nfy005>. Disponível em: <https://academic.oup.com/poq/article/82/S1/866/4951269>. Acesso em: 27 nov. 2020.

MASON, Lilliana. **Uncivil agreement: How politics became our identity**. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 2018. 183 p.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019

MUDE, C. & KALTWASSER, C. K. **Populism in Europe and the Americas : Threat or corrective for democracy?** Cambridge University Press, 2012.

- NYHAN, B.; REIFLER, J. When Corrections Fail: The Persistence of Political Misperceptions. **Political Behavior**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 303-330, 2010.
- RUNCIMANN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.
- SHAPIRO, R.; BLOCH-ELKON, Y. Do the Facts Speak for Themselves? Partisan Disagreement as a Challenge to Democratic Competence. **Critical Review**, [s. l.], v. 20, n. 1-2, p. 115-139, 2008.
- SOMER, M., & MCCOY, J. Déjà vu? Polarization and Endangered Democracies in the 21st Century. **American Behavioral Scientist**, 62(1), p. 3-15, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/0002764218760371>
- WALCZAK, A.; VAN DER BRUG, W.; DE VRIES, C. Long- and Short-Term Determinants of Party Preferences: Inter-Generational Differences in Western and East Central Europe. **Electoral Studies**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 273-284, 2012.
- IYENGAR, S., LELKES, Y., LEVENDUSKY, M., MALHOTRA, N., WESTWOOD, S. J. The origins and consequences of affective polarization in the United States. **Annual Review of Political Science**, 22, p. 129-146, 2019.



Recebido em março de 2021

Aceito para publicação em julho de 2021